



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO INTEGRADO DE AULAS - CIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**MARÍLLIA DANIELLI RODRIGUES PONTES**

**VOZ E MEMÓRIA EM *AS CICATRIZES DO AMOR*, DE PAULINA CHIZIANE**

**CAMPINA GRANDE  
2018**

**MARÍLLIA DANIELLI RODRIGUES PONTES**

**VOZ E MEMÓRIA EM AS *CICATRIZES DO AMOR*, DE PAULINA CHIZIANE**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino

**CAMPINA GRANDE  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P814v Pontes, Marília Danielli Rodrigues.  
Voz e memória em as cicatrizes do amor, de Paulina Chiziane [manuscrito] / Marília Danielli Rodrigues Pontes. - 2018.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."  
1. Análise literária. 2. Representação da mulher. 3. Oralidade. 4. Relato memorialístico. I. Título  
21. ed. CDD 801.95

MARÍLLIA DANIELLI RODRIGUES PONTES

VOZ E MEMÓRIA EM AS CICATRIZES DO AMOR, DE PAULINA CHIZIANE

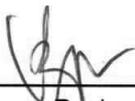
Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura.

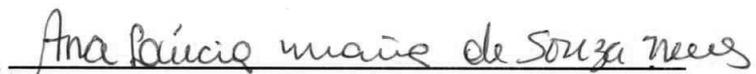
Orientador: Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino.

Aprovada em: 26/11/2018.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Anacã Rupert Moreira Cruz e Costa Agra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

CAMPINA GRANDE  
2018

Dedico este trabalho a todas as Marias silenciadas.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado forças todas as vezes em que a caminhada ficou mais difícil, por ter me acalmado quando era necessário passar noites em claro, por ter acompanhado todas as minhas lutas e ter permitido que eu chegasse até aqui.

À minha mãe, Maria Verônica, e aos meus irmãos, Jefferson Luiz e Maria Vitória, por serem luz em minha vida e inspiração das minhas lutas diárias.

Ao meu orientador, Dr. Luciano Barbosa Justino, pelas leituras sugeridas durante a pesquisa e pelas contribuições ao longo dessa orientação.

À minha querida amiga Pâmella de Souza Nascimento e sua família, por todo o esforço feito em prol das minhas conquistas e por terem acreditado que seria possível chegar até aqui.

Ao meu querido amigo João Matias, pela amizade e por todos os momentos que compartilhamos ao longo dessa jornada, por estar sempre presente e me fazer perceber que vale a pena acreditar nos nossos sonhos.

A Wesley Sheldon, por ter feito parte dessa jornada, mesmo estando distante, por todo o incentivo e apoio.

A João Vítor por todo o incentivo, cuidado e companheirismo em um dos momentos que considerei mais difícil.

A Marta Verônica e Aldênia Catão, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar das atividades e elas me incentivaram a priorizar o que era mais importante.

À minha querida amiga de curso, Lígia Gabriela da Cruz dos Santos, por todos os momentos que juntas compartilhamos e pela amizade durante o curso.

A Ana Lúcia Leal, por não ter permitido que eu fizesse outras escolhas e por ter contribuído para que eu pudesse alcançar minhas metas.

Aos professores do Curso de Letras-Português da UEPB, por terem me oportunizado expandir a janela do conhecimento.

Aos funcionários da UEPB, pelo atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação.

Embora eu não goste que me chamem de feminista, eu faço a minha luta a partir da condição do feminino, da condição de ser negra e mulher. Tem algo que insisto em dizer depois de tanto trabalho – o fato de ser mulher e negra assume um estatuto diferenciado nessa sociedade. Se eu fosse homem, e branco, meu estatuto seria muito alto (Paulina Chiziane).

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2 A MULHER COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA.....</b>	<b>08</b>
<b>3 A ORALIDADE EM PAULINA CHIZIANE.....</b>	<b>12</b>
<b>4 “AS CICATRIZES DO AMOR”: IDENTIDADE FRAGMENTADA E MEMÓRIA DE MULHER.....</b>	<b>14</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>23</b>

## VOZ E MEMÓRIA EM AS *CICATRIZES DO AMOR*, DE PAULINA CHIZIANE

Marília Danielli Rodrigues Pontes\*

### RESUMO

A presente pesquisa analisa a representação da mulher explicitada por meio da trajetória da personagem Maria no conto “As cicatrizes do amor”, de Paulina Chiziane que, através do relato, recorre à memória para fazer uma denúncia das condições que a mulher está submetida na sociedade moçambicana. Para tanto, num primeiro momento, apresentamos como o movimento feminista negro, bem como o fazer literário, contribuem para que a autora tenha acesso a um espaço de representação na sociedade. Em seguida, evidenciamos as marcas da oralidade como elemento de identidade na obra chizianiana e, finalmente, analisamos a trajetória da personagem Maria através de seu relato memorialístico. O estudo se deu por meio de pesquisa bibliográfica e tomamos como base as contribuições de Michelle Perrot (2007), Regina Dalcastagnè (2012), entre outros.

**Palavras-chave:** Mulher. Paulina Chiziane. Relato memorialístico.

### 1 INTRODUÇÃO

A literatura africana aos poucos se insere no campo de pesquisas acadêmicas, sobretudo, no que tange aos estudos das mulheres. No Brasil, escritoras africanas tornaram-se conhecidas por trazerem em suas obras questões recorrentes da sociedade em que vivem e, portanto, passíveis de indagações. Entre elas, destaca-se Paulina Chiziane.

A autora em questão é moçambicana e foi a primeira mulher a publicar um Romance em seu país, intitulado *Balada de amor ao vento*, na década de 1990. Suas obras partem de seu próprio contexto e versam sobre tempos difíceis. Suas protagonistas são todas mulheres, contudo, a escritora não se reconhece como feminista.

Por viver em uma sociedade marcada pela tradição oral, encontramos uma forte influência da oralidade nas obras de Paulina Chiziane. Dessa forma, sua escrita baseia-se em histórias que ouve e conhece, fazendo-a intitular-se “contadora de histórias” e relegando o título de romancista.

---

\* Aluna da Graduação em Letras- Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: danny23pontes@gmail.com

O interesse em realizar a presente pesquisa surgiu a partir da disciplina de Literatura de Língua Portuguesa da Modernidade e Contemporânea, ministrada pelo docente Anacã Agra, que contribuiu para que surgisse a questão norteadora deste trabalho: quem é essa mulher que ocupa um lugar de protagonismo nas obras de Paulina Chiziane, sobretudo, em *As Cicatrizes do amor*?

No intuito de responder a tal questionamento, analisamos a representação da mulher através do relato memorialístico da personagem Maria, no qual ela relembra a história de quando ainda era jovem, explicitando questões particulares de sua trajetória, como a sua relação com a maternidade, o casamento e a influência da sociedade nas escolhas que fizera ao longo da vida.

Para tanto, num primeiro momento, apresentamos como o movimento feminista negro, bem como a literatura, contribuíram para que a autora tivesse acesso a um espaço de representação na sociedade. Posteriormente, evidenciamos as marcas da oralidade como elemento de identidade na obra chizianiana e, por fim, analisamos a trajetória da personagem Maria através de seu relato memorialístico.

O presente trabalho foi de cunho bibliográfico, com o intento de enriquecer o debate, por intermédio da leitura de artigos, publicações e livros relacionados ao tema. Cabe destacar, ainda, que fundamentaram o nosso estudo os postulados teóricos de Michelle Perrot (2007) e Regina Dalcastagnè (2012), entre outros.

## **2 A MULHER COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA**

Durante muito tempo, a mulher foi vista como o sexo frágil, sua inteligência foi subestimada e, por muitas razões, foi considerada inferior ao homem. Seu papel era cuidar do lar, da família e aceitar as condições que lhe eram impostas. Vivia confinada em casa na obrigação de servir (Servir sempre ao outro, nunca a ela mesma) e sozinha mergulhava no silêncio, ocupando assim um lugar marginalizado na sociedade, sem direito a estudar, trabalhar dignamente, votar, dentre outras questões que a faziam ser excluída, sem direito à voz.

Conquistar um espaço de visibilidade na sociedade não foi fácil, a mulher precisou ir às ruas, reivindicar, se manifestar publicamente, originando, assim, o movimento que a história consagrou como feminismo.

Em consonância com Perrot (2007, p. 154), entendemos que “Em sentido muito amplo ‘feminismo’, ‘feministas’, designam aqueles e aquelas que se pronunciam e lutam pela igualdade dos sexos.” Por meio do movimento feminista, a mulher procurou estabelecer o seu lugar na sociedade, lutando contra a condição subalterna na qual vivia. Para Del Priore (2001, p. 225)

É a partir das lutas íntimas, portanto, que as mulheres iniciam um questionamento quanto à realidade social, criando os primeiros movimentos feministas, marcado por uma diversidade de reivindicações. Antes das historiadoras foram: as feministas que fizeram a história das mulheres. O feminismo evidenciou a ausência da figura feminina no território historiográfico, criando as bases para uma história das mulheres feita por historiadoras.

Essas lutas foram necessárias para que a mulher pudesse mudar a realidade social a qual vivia. Era preciso transgredir o cotidiano doméstico para ser sujeito da sua própria história e a partir desse movimento as vozes silenciadas passaram a ser ouvidas. Contudo, mesmo em meio a lutas, sofreram opressão, foram torturadas físico e psicologicamente, mas não desistiram, e foram essas primeiras mulheres que tiveram a força de enfrentar tamanhas adversidades que são responsáveis pelas conquistas de tantas outras, como o direito ao voto, à educação, às escolhas que antes eram cabíveis apenas aos homens. Sendo assim, consoante Elan (*apud* SILVA, 2008, p. 225)

A história se tornou o local onde o feminismo pôde alterar a exclusiva universalidade do homem como sujeito. Fez emergir, assim, um conhecimento sobre as mulheres que questiona o papel central que o homem tradicionalmente tem ocupado nas narrativas históricas.

A busca pela visibilidade possibilitou às mulheres encontrarem um lugar de fala que antes não tinham, era sempre o outro quem falava por elas, dessa forma, a luta pela igualdade entre os sexos conseguiu surtir efeitos positivos e alterações no sistema patriarcal de algumas sociedades. Segundo Perrot (2007, p. 162)

Foi o feminismo que constituiu as mulheres como atrizes na cena pública, que deu forma as suas aspirações, voz a seu desejo. Foi um agente decisivo de igualdade e de liberdade. Logo, de democracia.

Esse movimento, que teve início há tanto tempo, traz alguns nomes que são atuais como Simone de Beauvoir, através da obra “O segundo sexo”, publicada em 1949. Nesse livro, a filósofa francesa problematiza a questão do gênero “Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980). A partir dessa reflexão, a autora

mostra que tanto o ser homem quanto o ser mulher são uma construção social. Ninguém nasce mulher, torna-se, por ser condicionada a agir de acordo com o que a sociedade espera. Quando uma mulher nasce, nasce também a condição dela ser preparada por uma sociedade machista a cuidar de seu lar, de seu marido, de seus filhos; e tudo o que foge disso parece não ser condizente com a normalidade, e é justamente contra esse pensamento social e ideológico que a mulher luta dia após dia. Beauvoir (1980, p. 179) também traz a teoria do Outro a partir de uma reflexão sobre o lugar da mulher na história da humanidade, argumentando que

A história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos, desde os primeiros tempos do patriarcado; julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro.

A questão do Outro parte do princípio de que existe um ser essencial, neste caso, o homem. Portanto, a mulher se constituiu como o Outro a partir do que o homem tomou em contrição histórica. Essa condição de inferioridade fez com que as mulheres buscassem quebrar conceitos que foram cristalizados e hierarquizados pela própria sociedade. A partir de suas lutas, foram conquistando o reconhecimento e tornando-se protagonistas de suas histórias.

“O feminismo age em movimentos súbitos, em ondas” (PERROT, 2007, p.155). Diante do colocado por Perrot, é válido salientar que com o passar do tempo surge a necessidade de pautas que sejam relevantes perante o momento histórico vivenciado. As primeiras ondas do feminismo reivindicaram questões que eram mais urgentes naquele momento, como, por exemplo, o acesso à educação, ao voto, entre outras questões. Uma vez conquistados esses direitos, surge a necessidade de outras reivindicações e, assim, o movimento vai ganhando cada vez mais força e visibilidade, não obstante críticas e contestações. Contudo, embora a luta dessas mulheres seja em prol dos direitos de todas, algumas dessas ondas não representam as pautas de todos os grupos sociais dos quais essas mulheres fazem parte, com isso muitas delas sentem-se excluídas e oprimidas pelas próprias mulheres. Sobre isso, consoante Hooks (*apud* SOARES, 2012, p.12),

[...] as feministas ocidentais brancas contribuíram para o silenciamento das mulheres negras, suprimindo as suas ideias e não permitindo a divulgação das mesmas. Embora as mulheres negras tenham tido, há muito, ideias explícitas acerca da intersecção de fatores tais como a raça, o sexo e a

classe na sua opressão, elas próprias não encontraram o seu lugar dentro das estruturas feministas brancas.

Desta maneira, surgiu a necessidade de uma vertente em que as mulheres negras se sentissem representadas: O movimento de mulheres negras. Essa vertente reivindica o direito à igualdade, não só em relação ao gênero, mas ao espaço que essa mulher ainda ocupa na sociedade, à condição que ela está sujeita pelo peso da escravatura. São muitas as questões que abarcam o ser feminino negro, tornando-os minoria dentro da minoria. Por meio desta vertente elas buscam trazer visibilidade às suas pautas e reivindicam seus direitos, e assim, a partir do meio que começam a conquistar, sobretudo na literatura, trazem suas provocações e inquietações, promovendo um espaço de representação do meio em que vivem.

O movimento das mulheres negras possibilitou que autoras, como Paulina Chiziane, negra e africana, conseguissem aos poucos obter o reconhecimento de suas obras. Sobre isto, Bamisile (2012, p. 19) nos diz que:

É preciso, pois, dar voz à multidão de mulheres africanas iletradas e sem recurso, deprimidas e desfavorecidas, privadas dos direitos sociais mais básicos, que continuam a sofrer em silêncio, também por não haver ainda maior sensibilização e audiência para a arte que as tematiza, nos seus anseios, frustrações e conquistas.

Essas mulheres buscam resistir diariamente às injustiças sociais que sofrem e à invisibilidade que as cercam. Os caminhos percorridos pelas mulheres africanas são árduos, na maioria das vezes são abandonadas e obrigadas a abandonar as pessoas que amam. São muitas as questões que permeiam a sociedade africana tornando o ser feminino fragmentado e submisso ao regime patriarcal, sem direito à voz. De acordo com Bordieu (*apud* DALCASTAGNÈ, 2012, p.19) “entre as censuras mais bem dissimuladas, situam-se aquelas que constituem em excluir certos agentes de comunicação, excluindo-os dos grupos que falam ou das posições de onde se fala com autoridade.” Dessa forma, as mulheres são excluídas da sociedade não só pelo acesso à voz que lhes é negado, mas pelo lugar de fala que as impossibilita de “falar com autoridade.” E é através da literatura que as mulheres africanas vêm lutando por este lugar de fala a fim de mudar este quadro social em que se encontram. Segundo Bamisile (2012, p. 9) “Este número imenso de mulheres está a deixar de viver de modo silenciado, à medida que um número crescente de autoras africanas [...], recriam e divulgam as suas provocações.”

Com a presença das africanas na literatura, percebe-se que muitas mulheres ainda necessitam do acesso à voz, pois assim poderão mudar aos poucos a realidade que as cercam. Carolina Maria de Jesus em sua obra “Quarto de despejo” nos diz que é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la, isso se aplica também aos que fazem literatura. As escritas de autoria feminina nos dizem muitos sobre as questões que abarcam o ser feminino, elas têm prioridade para falar. Barthes (*apud* DALCASTAGNÈ, 2012, p.17) já nos dizia que “o escritor é o que fala no lugar de outro.” Dessa forma, quando pessoas marginalizadas conseguem ter acesso a um espaço de representação, como na literatura, sabem que por serem integrantes de um determinado grupo social, falam em nome desse grupo. As mulheres ao falarem das próprias mulheres promovem o reconhecimento de suas lutas, seus anseios, denunciam as condições que abarcam este ser.

É em meio ao movimento feminista, em especial ao movimento de mulheres negras, que consideramos a autora Paulina Chiziane como feminista, embora essa não se reconheça como tal, mas traz em suas obras a problemática do gênero articulando-o à problemática da memória e da oralidade, fazendo-nos refletir acerca da condição da mulher na sociedade moçambicana.

### **3 A ORALIDADE EM PAULINA CHIZIANE**

A escritora Paulina Chiziane nasceu em 1955, em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique, em uma família de protestantes em que se falavam as línguas chope e rongá. Chiziane aprendeu a Língua Portuguesa na escola de uma missão católica e cursou Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, sem concluir. Iniciou sua atividade literária em 1984, com contos publicados na imprensa moçambicana. Suas obras partem do seu próprio contexto e falam de tempos difíceis, do amor, da esperança, da mulher, e da África passada e presente. São histórias transferidas da oralidade para o papel. Ela foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, intitulado “Balada de amor ao vento”, em 1990. Dentre suas obras destacam-se: Ventos do apocalipse; Niketche: Uma história de poligamia - vencedora do prêmio José Craveirinha de Literatura, em 2003; e O alegre canto da perdiz, seu último livro, publicado em 2008.

Em suas obras as protagonistas são todas mulheres e através da literatura ela enfatiza a questão da condição feminina em seu país. É interessante ressaltar que Chiziane, mesmo escrevendo romances, não se reconhece como romancista, mas como contadora de histórias, mantendo viva a tradição oral que ainda é muito forte na sociedade em que vive. Assim, suas obras partem de um contexto real e a partir dele a autora transmite para o papel fatos corriqueiros de forma literária, utilizando a oralidade como um mecanismo que aproxima e envolve o leitor no enredo de suas narrativas, ao mesmo tempo que incita-lhe a refletir acerca de questões que são muito comuns em seu país, como o caso da submissão da mulher em relação ao homem e à sociedade.

Sabe-se que a oralidade desempenha uma função importante na preservação e continuidade de saberes em determinadas comunidades, além de ser uma prática recorrente em alguns grupos sociais desde os tempos mais remotos. Embora na atualidade essa prática venha se perdendo aos poucos, ainda permanece viva em sociedades que acreditam na palavra como fonte de transmissão de conhecimento.

Na África a tradição oral tem um valor imensurável por fazer parte da cultura e identidade de seu povo e por ser uma herança passada de geração em geração, e mesmo perante a modernidade que é movida pela escrita, ainda existem guardiões desse conhecimento no continente africano, dessa forma, “a oralidade procura resistir, assegurando seu lugar de importância nos falares antigos dos contadores de histórias”. (NASCIMENTO & RAMOS, 2013, p.457).

Segundo Hampâté-Bâ (2010), os tradicionalistas são os grandes depositários da herança oral, são a memória viva da África, pois são dotados de conhecimento e sabedoria. Além dos tradicionalistas há também os animadores públicos ou *griots* que classificam-se em três categorias: Os músicos que são tocadores e cantores - transmissores da música antiga e compositores; os embaixadores e cortesãos - que estão sempre ligados à família em casos de desavenças, dessa forma promovendo a paz por meio da mediação; e os genealogistas - historiadores ou poetas que, em geral, são contadores de histórias e grandes viajantes.

É possível perceber a riqueza histórica deste continente, que através da palavra e da tradição oral consegue preservar a herança ancestral e promover a ininterruptão dessa fonte de sabedoria. De acordo com Hampâté- Bâ (2010, p. 181)

Quando falamos de tradição em relação à história africana, referimo-nos à tradição oral, e nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos

povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos. Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África.

Dessa forma, ao denominar-se “Contadora de histórias”, Chiziane enaltece a riqueza cultural que permeia a sociedade em que está inserida. Sua escrita é baseada na oralidade, nas histórias que ouve, que conhece. Esse elemento de identidade de seu povo traz para suas obras aspectos importantes da realidade do Sul de Moçambique. A forma como a autora constrói o enredo de suas narrativas dialoga com a própria sociedade, uma vez que as pessoas se vêem representadas em suas histórias. Por meio de sua literatura ela transmite uma mensagem de reflexão acerca da condição que muitos se encontram. Com isso ao se reconhecer como contadora de histórias, a autora enfatiza a importância da palavra e do testemunho para a formação identitária da sociedade em que vive. Em consonância com Costa (2016, p. 70):

Se o homem está inevitavelmente ligado à palavra que profere, isto é, ao testemunho, não podemos desvincular um e outro. Isto quer dizer que, ao dar seu testemunho, o homem estabelece uma escala de valor de transmissão, da qual ele participa ativamente, e, mais ainda, a fidelidade daquele relato depende, conseqüentemente do valor do homem que o profere. Nas sociedades orais, pelo comprometimento do homem com a fala e com a cadeia de transmissão da qual ele inevitavelmente faz parte, a ligação com a palavra é mais forte, bem como a função da memória, que também é mais desenvolvida nas sociedades de tradição oral.

Isto posto, a contação de história funciona como um exercício de transmissão de conhecimento, uma vez que ela é “um dos instrumentos de manutenção e registro da memória e continuidade histórica” (COSTA, 2016, p. 71).

#### **4 “AS CICATRIZES DO AMOR”: IDENTIDADE FRAGMENTADA E MEMÓRIA DE MULHER**

Ao iniciar o conto “As cicatrizes do amor”, a personagem Maria contesta o lugar da mulher na sociedade moçambicana: “Diabos me levem se não estou bem nesta rodada de mulheres sentadas na areia e os homens nas cadeiras” (CHIZIANE, 2007, p. 361). Por meio dessa contestação, a autora apresenta o lugar de inferioridade que o ser feminino ocupa em Moçambique, um lugar em que as

mulheres não têm o direito de fazer suas próprias escolhas. Por que as cadeiras são reservadas aos homens enquanto as mulheres sentam no chão? Essa representação da posição do homem em relação à mulher reflete a condição de superioridade do sexo masculino em relação ao feminino. Considerando que, aos homens, ainda “são oferecidos desde os melhores lugares à mesa até a oportunidade de ascensão social” (ATAIDE, 2015, p.163).

No decorrer da narrativa há um momento em que o compadre de Maria está folheando um jornal e vê a notícia de duas crianças que foram abandonadas pela mãe, a partir disso ele comenta com o compadre que “as mulheres estão doidas”, enquanto este enfatiza que “Se os pais comprarem o leite para os meninos, não sobra nada para os copos.” Como já é esperado, a culpa de tal ato é atribuída à mulher, contudo, por saber de toda a condição que é imposta à esta, Maria reage ao comentário do homem: “- A maldade nasceu antes da humanidade. A culpa cabe às mães, mas é de toda a sociedade.” (CHIZIANE, 2007, p. 362). É possível perceber que as mulheres não têm direito a escolhas e quando tomam atitudes que a elas são cabíveis em determinados momentos, por razões que só elas sabem; e que são inaceitáveis pela sociedade, são julgadas, e embora a culpa não seja delas, a elas é atribuída.

De acordo com Dalcastagnè (2012, p. 17) “O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes.” Neste caso, a mulher ainda está à margem em muitas sociedades, sendo silenciada enquanto o outro sente-se no direito de falar por ela. Contudo, por meio da literatura, como bem coloca Dalcastagnè (2012), esse silêncio é quebrado quando os integrantes são os próprios marginalizados, no caso da sociedade moçambicana, a mulher está buscando ser ouvida, ao passo que integra sua própria literatura.

Ainda ao tratar do abandono das duas crianças, Maria sentencia “- O que vocês não sabem [...] é que cada nascimento tem uma história e cada ação uma razão. Na minha juventude cometi o mesmo crime, ou melhor, ia cometê-lo” (CHIZIANE, 2007, p. 362). Apesar de saber da barbárie que essa mãe cometeu, a personagem afirma que quase cometeu o mesmo. A voz de Maria representa as muitas vozes silenciadas e, por meio da personagem, a autora denuncia as condições que são impostas às mulheres. Segundo Dalcastagnè (2012, p. 17)

Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que o seu silêncio esconde. Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais.

Nesse caso, através da literatura, Chiziane fala em nome das mulheres da sociedade em que vive. Mulheres que não tem acesso à voz e que se submetem a aceitar o que lhes é imposto. A autora recorre à literatura para evidenciar o lugar do ser feminino em Moçambique por meio do relato de memória: “O vulcão de recordação explodiu narrativas; as lavas caíram como soco nas gargantas abafando os acordes, calem-se todas as bocas, a comadre é que fala! A voz de Maria fez-se ouvir das profundezas do tempo.” (CHIZIANE, 2007, p. 369). A partir deste momento, a personagem Maria inicia seu relato de vivência, marcado pela dor e o abandono

Lembro-me da noite sem lua quando debaixo do cajueiro disse sim, ao homem dos meus sonhos. O régulo de Matutuíne, meu pai, disse não a esse, pobre, sem gado para lobolar a filha do rei. Ao meu homem ultrajado não restou outra alternativa senão procurar o lenitivo das mágoas do outro lado da fronteira, em Johannesburg, deixando-me o ventre semeado. Nos nove meses de gesta, minha alma em suplício consumiu facadas. Quinze dias depois do nascimento da criança, o meu pai disse: fora desta casa (CHIZIANE, 2007, p. 363).

Mediante o relato da personagem, a escritora expõe acontecimentos que são triviais em seu país e mais uma vez evidencia o silêncio do ser feminino. Com isso, nota-se que a mulher não tem escolha, o outro fala por ela. Maria foi abandonada e não teve o direito de casar com o homem que amava porque este não tinha *lobolo* – propriedade em dinheiro ou espécie.

No referido conto, a protagonista além de estar com uma filha nos braços e precisar de apoio, foi colocada para fora de casa. Dessa forma, pode-se perceber que o abandono das duas crianças mencionadas do início da narrativa ocorreu por razões que só a própria mãe sabe, e não cabe a sociedade julgar, mas perceber que a mulher precisa ser ouvida.

Nesta passagem a autora recorre também à oralidade para contar a história de Maria e, por meio do relato de vivência, ela trabalha a questão do testemunho. De acordo com Hampâté-Bâ (2010, p.182) “O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é [...] a fidedignidade das memórias individual e coletiva[...]. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra”. Nesse contexto, o testemunho de

Maria representa a memória individual e coletiva do ser feminino em Moçambique. Ao recorrer à oralidade, a autora dá voz à personagem denunciando o lugar marginalizado que esta ocupa na sociedade em que vive.

A autora enfatiza nesta narrativa a injustiça social que a mulher sofre e a falta de humanidade que faz este ser acreditar apenas na morte, pois elas estão sozinhas, sem ter a quem recorrer, mais uma vez, as vozes silenciadas são representadas por meio da colocação de Maria: “Supliquei clemência à humanidade; recorri à amizade. Em vão. [...] Amor verdadeiro só a terra dá, quando no fim da jornada ela diz: repousa nos meus braços por toda a eternidade” (CHIZIANE, 2007, p. 363-364). São muitas as questões que poderiam ser centrais nas obras de Chiziane, mas ela escolheu trazer a mulher como protagonista e mostrar a trajetória de luta que muitas estão predestinadas a enfrentarem, uma vez que estão imersas em um silêncio profundo. Dito isto, de acordo com a historiadora Perrot (2007, p.16) “nesse silêncio profundo, é claro que as mulheres não estão sozinhas. [...] mas é sobre elas que o silêncio pesa mais. E isso por várias razões.”

Em meio ao relato de vivência, a personagem mostra que mesmo sem direito a escolhas e sem opções, as mulheres não perdem a determinação e, muitas vezes, encontram forças para lutarem pelos objetivos que tem consigo, desafiando a si mesmas:

Amarrei a capulana bem firme; com o bebê bem seguro nas costas, jurei: os empecilhos que obstem minha estrada serão removidos pela minha mão. Chegarei a Johannesburg, minha terra de promessa. Abandonei a casa no ritual dos galos cerrando as cortinas vesperais. Segui o rasto do cruzeiro do Sul, caminhei dias, e noites suficientes para contar todas as estrelas do firmamento (CHIZIANE, 2007, p. 363-364).

Embora vivam em uma sociedade regida por princípios machistas, as mulheres africanas são representadas por Chiziane como mulheres fortes. Maria mesmo estando grávida foi impedida de casar com o homem que amava, sendo expulsa de casa pelo seu pai. Diante dessa situação e por amar esse homem, atravessou a fronteira a fim de encontrá-lo. Contudo, essa força das mulheres está sempre voltada ao outro, neste caso, ao homem, pois o objetivo de Maria era encontrá-lo, tudo isso por causa de um “amor amargura, amor escravatura, que transtorna, que enfeitiça, fazendo do amante a sombra do amado” (CHIZIANE, 2007, p. 362). O amor por este homem foi maior do que o amor por si mesma e por sua própria filha, não por escolha, mas pela situação em que ela se encontrava e por ser

a única solução que lhe restava: enfrentar o mundo com uma filha nos braços em busca de sua verdadeira felicidade.

Os obstáculos enfrentados por Maria quase a fizeram tomar atitudes cruéis e irreversíveis. Em um primeiro momento, a protagonista afirma que a criança enfraqueceu em meio às condições precárias na qual estava, e que ela só queria encontrar um lugar para desfazer-se do fardo que estava carregando: “Meus olhos inquietos procuravam uma lixeira, uma vala, uma corrente de água, esgotos, para desfazer-me do meu fardo (CHIZIANE, 2007, p. 364). Em meio a toda esta situação, Maria quase abandonou a filha em uma moita, que segundo ela cruzou seu caminho: “Mergulhei na moita, paraíso ilícito. [...] Adeus fruto do prazer e dor; amor de fervor, adeus! Abandonava o lugar em passos de fuga” (CHIZIANE, 2007, p. 364). Neste momento encontrou uma senhora que a impediu de concluir o ato, e as levou à sua casa para tratar da criança, mas ainda assim Maria pensava em desfazer-se da criança, pois as condições nas quais se encontrava já havia consumido quase toda sua força, cogitando, inclusive, jogar a filha no vaso sanitário. Diante de todo este conflito existente na obra em questão, é perceptível a denúncia feita pela autora: antes de abandonar um filho, as mães recorrem à humanidade, mas não encontram apoio, e assim sendo, tornam-se obrigadas a desfazerem-se destes fardos que carregam. Em consonância com Perrot (2007, p. 16-17), essas mulheres “[...] são invisíveis. Em muitas sociedades a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas.”

Através do relato de Maria, a escritora evidencia a oralidade, buscando por meio das histórias contadas retratar a realidade dessas mulheres silenciadas. Assim, a narradora, por meio de seu relato, apresenta a dura realidade enfrentada por elas. Isso fica mais evidente quando a personagem sentencia: “Atenção! O que se conta, está a acontecer agora! Em qualquer parte do mundo!” (CHIZIANE, 2007, p. 364).

De acordo com ATAIDE, (2015, p.161): “Os seres que dão credibilidade ao texto são resultados de uma construção linguística. Eles não existem fora do papel, mas é a eles que o autor dá voz para expressar a sua visão de mundo”. Neste caso, à Maria é dado o poder para incitar as vozes em silêncio, a partir do relato de uma trajetória que, na maioria das vezes, muitas mulheres passam, mas diante das circunstâncias, não têm voz, nem poder para renunciar. Para Branco (1995, p. 60):

Se todo sujeito falante se inscreve e se constitui no discurso, o texto literário o fez duplamente, na medida em que a linguagem não é só individual e a literatura é produtividade que se engendra com o tecido do imaginário social.

Assim, a partir da personagem Maria, a autora expressa não apenas a sua voz, mas as diversas vozes silenciadas, que não encontram espaço na sociedade para contestar, sendo a literatura um meio de proporcionar esse espaço almejado pelas minorias como forma de expor seus anseios.

É importante ressaltar a relevância da obra de Chiziane para o seu país, ponderando que a maioria das mulheres não olham criticamente para a condição que as cerceiam. Dessa forma, por meio de sua escrita, a autora expressa sua visão à respeito da sociedade moçambicana, com vivências pautadas no sofrimento e abandono, o que constitui uma identidade cada vez mais fragmentada da mulher.

É possível perceber ainda mais essa identidade fragmentada quando Maria indaga: “Com o simples relancear da vista tentei penetrar no secreto de cada alma. Afinal, quem somos nós? Em quantos vendavais nos espiralamos até galgar o degrau do presente?” (CHIZIANE, 2007, p. 366). Por fim, a autora provoca uma reflexão nas mulheres que passam por situações difíceis apenas pelo fato de terem nascido mulheres. Pois, elas lutaram muito para conseguir alcançar seus objetivos, e ainda continuam a lutar por eles. Contudo, as africanas lutam pelo mínimo, que ainda é o que está ao alcance delas: Lutar para poder sobreviver em uma sociedade arraigada quando se trata da cultura machista e patriarcal.

## **5 CONCLUSÃO**

A condição de subalternidade se perpetuou por muito tempo no que diz respeito à história das mulheres e, embora suas lutas tenham sido pautadas na busca pela igualdade entre os gêneros, ainda existem mulheres que são vítimas do regime patriarcal.

No conto “As cicatrizes do amor”, Chiziane evidencia o lugar que a mulher ainda ocupa em Moçambique, sobretudo, quando é mãe, haja vista que na narrativa há a denúncia do abandono de duas crianças, bem como a tentativa de Maria em desfazer-se de seu fardo – a criança que carregava no colo.

Em seu discurso, Maria explicita que a sociedade é má e faz um apelo “apenas gostaria que os seres humanos tivessem mais humanidade, amor e fraternidade” Chiziane (2007, p. 367). E mais uma vez a autora enfatiza que as escolhas feitas por estas mulheres decorrem da posição subalterna que lhes é reservada, tornando-as marginalizadas e silenciadas.

A partir do relato memorialístico da personagem, podemos perceber que a autora, ao passo que denuncia a condição feminina do Sul de Moçambique, incita as vozes em silêncio, provocando, assim, uma reflexão acerca da identidade feminina “quem somos nós?” Chiziane (2007, p. 366).

A mulher que protagoniza a narrativa em estudo é apresentada como uma mulher forte e determinada que consegue ultrapassar todas as suas expectativas, embora essa força esteja centrada em um único objetivo: Encontrar o seu homem.

Esse encontro representa a busca pela verdadeira felicidade, após todas as adversidades enfrentadas restou-lhe acreditar que encontrando esse homem seria realmente feliz.

Entretanto, no momento em que Maria conta a trajetória de sofrimento que passou em busca desse amor, aos amigos e familiares, um dos homens que contesta o abandono das duas crianças e culpa a mulher por tal ato é seu próprio marido, dessa forma, fica claro que não importa os esforços que essas mulheres façam em prol dos seus objetivos, qualquer atitude que tomarem nos momentos mais difíceis serão obrigadas a carregar a culpa, além da memória de dor e sofrimento.

São essas mulheres que precisam de um olhar de visibilidade, pois carregam consigo a dor do silêncio. É preciso que essas mulheres tenham acesso a um espaço de representação para que essas vozes em silêncio passem a ser ouvidas e a literatura proporciona esse espaço.

Por meio da literatura é possível trazer uma reflexão acerca de questões que abarcam os grupos marginalizados e que, na maioria das vezes, passam despercebidas por já fazerem parte da cultura de muitas sociedades. Para tanto, é preciso rescindir os conceitos formados de que a mulher nasceu para obedecer e servir.

A busca dessas mulheres pela visibilidade começou desde os primeiros movimentos que, embora tivesse um aspecto essencialista e pensasse em um conceito abstrato de mulher, abriu caminhos para outros movimentos, como o das

mulheres negras – que constrói um enlace entre gênero, raça, classe e busca expandir, cada vez mais, um espaço que ainda é pequeno, mediante as problemáticas que permeiam o ser feminino negro.

Diante do exposto, conclui-se que o acesso à voz possibilita as coadjuvantes tornarem-se protagonistas e trazerem para o mundo as suas inquietações e anseios a fim de mudar o rumo de histórias que, até então, fora conduzida por outrem.

## VOICE AND MEMORY IN THE SCARS OF LOVE, BY PAULINA CHIZIANE

### **ABSTRACT**

The objective of this research is to analyze the representation of the woman explained through the trajectory of the character Maria in the short story "The scars of love", by Paulina Chiziane, through the report, recalls the memory to denounce the conditions that the woman is subject to Mozambican society. To do so, in the first instance, we will present how the black feminist movement, as well as the literary work, contribute to the author's access to a space of representation in society. Then, we will highlight the marks of orality as an element of identity in the Chizianian work, and finally, we will analyze the trajectory of the character Maria through her memorialistic account. The study was done through bibliographical research and we will take as a base the contributions of Michelle Perrot (2007) and Regina Dascaltagné (2012), among others.

**Keywords:** Woman. Paulina Chiziane. Memorialistic account.

## REFERÊNCIAS

- ATAIDE, Luciana de Barros. **Memória e Transgressão em As Cicatrizes do Amor, de Paulina Chiziane**. Belo Horizonte: Cadernos CESPUC, 2015.
- BRANCO, Lúcia Castello. **A feminina borda do texto** in Literaterras: As bordas do corpo literário. São Paulo: ANNABLUME, 1995.
- BAMISILE, Sunday Adetunji. **Questões de gênero e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea da diáspora africana**. Lisboa, 2012.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. São Paulo: Difel, 1980.
- COSTA, Letícia Villela Lima da Costa. **De objeto a sujeito: As marcas da oralidade em “Vozes na senzala, Kahitu”**. In: Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v.06, n. 06, Out. – Mar. 2016.
- CHIZIANE, Paulina. **As cicatrizes do amor**. In: As mãos dos pretos: Antologia do conto moçambicano. Org. Nelson Saúte. 3º ed. Editora: Dom Quixote, Lisboa, 2007, p. 359 – 367.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **O lugar de fala**. In Literatura brasileira Contemporânea: Um território contestado. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.
- DIOGO, Rosália Estelita Gregório. **Paulina Chiziane: As diversas possibilidades de falar sobre o feminino**. SPRITA, Belo Horizonte, v. 14, n.27, p. 173-182. 2º sem. 2010.
- HAMPÂTÉ-BÂ, Amadou. **A tradição viva**. In: História geral da África, I: Metodologia e Pré-História da África (ed. Joseph Ki-Zerbo). Brasília: UNESCO, 2010.
- NASCIMENTO, Lidiane Alves do. RAMOS, Marilúcia Mendes. **A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras**. In: Crítica Cultural, Palhoça, SC, v.6, n. 2, p. 453-467, Jul./Dez. 2011.
- SILVA, Tânia Maria Gomes da. **Trajatória da historiografia das mulheres no Brasil**. Politéia: Vitória da Conquista, v.8, n. 1. P. 223-231, 2008.
- SOARES, Natalia Telega. **“E ouviram-se vozes de mulheres africanas...” O feminino africano e a escrita de Chimamanda Ngozi Adichie**. Universidade de Lisboa, 2014.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.